

Herman Dooyeweerd

Ronald Nash

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Uma das reparações mais surpreendentes do Hiato de Hume (*Hume's Gap*) no pensamento recente é encontrada na filosofia do calvinista holandês, Herman Dooyeweerd. O sistema de Dooyeweerd² é central para o pensamento de um pequeno grupo de pensadores calvinistas que formam a faculdade do Instituto para Estudos Cristãos em Toronto, Canadá.³ Não é necessário entrar nos detalhes da filosofia de Dooyeweerd.⁴ O que é importante para o nosso propósito presente é a teoria da “Barreira” de Dooyeweerd. A doutrina da Barreira é a forma mais importante dos seguidores de Dooyeweerd enfatizarem a soberania e a transcendência de Deus. Toda a criação de Deus está sujeita a várias leis, tais como as leis da física, biologia, matemática, pensamento, economia, e assim por diante. Porque Deus é o Legislador, ele mesmo não está sujeito às leis que governam sua criação. A lei então constitui uma barreira entre Deus e o cosmos. As leis que se aplicam *sob* a Barreira não se aplicam a Deus, que está cima de toda Lei.

Poucos cristãos, antes do seu reconhecimento das implicações da teoria, disputariam a sugestão que uma barreira existe entre Deus e sua criação. A doutrina parece bem inocente até que percebemos como os Dooyeweerdianos aplicam a teoria à razão humana. Em suas mãos, o que deveria ser uma metáfora útil é interpretada nos termos mais literais, a ponto de excluir totalmente a doutrina do Logos. Para os seguidores de Dooyeweerd, as leis da lógica, de inferência válida, existem *somente* no lado humano da Barreira. L. Kalsbeek deixa claro o hiato ou parede que os Dooyeweerdianos pensam existir entre a mente de Deus e a mente humana:

Com nosso pensamento humano e as leis estabelecidas por ele, nos encontramos no lado criatural dessa barreira, incapazes de cruzá-la por causa da própria natureza, o próprio significado do nosso

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em agosto/2007.

² O sistema de Dooyeweerd é conhecido por vários nomes, incluindo A Filosofia da Idéia Cosmonômica e A Filosofia de Amsterdã.

³ O Instituto para Estudos Cristãos (*Institute for Christian Studies*), com base em Toronto, não deve ser confundido com o Instituto para Estudos Cristãos Avançados (*Institute for Advanced Christian Studies*), uma comissão rotativa de oito acadêmicos evangélicos que apóiam a erudição cristã. Em momentos diversos, essa comissão teve a participação de Carl F. Henry, Kenneth Kantzer, John Snyder, Arthur Holmes, John Scanzoni, V. Elving Anderson, Charles Hatfield, Robert Frykenberg, Ronald Nash, James Packer, C. Everett Koop e outros.

⁴ Fiz isso em certa extensão num livro intitulado *Dooyeweerd and the Amsterdam Philosophy* (Grand Rapids: Zondervan, 1962). Esse livro é uma obra de um homem muito jovem e se ele fosse escrever sobre o assunto agora, seu tratamento seria muito mais crítico. Um tratamento mais recente e simpático da filosofia de Dooyeweerd é o livro de L. Kalsbeek, *Contours of a Christian Philosophy* (Toronto: Wedge, 1975). Os dois livros contém bibliografias úteis.

pensamento. Podemos apenas pensar significativamente sobre o que reside no nosso lado dessa barreira. Devido às limitações do nosso pensamento de criaturas, como um resultado de sua sujeição à lei, podemos engajar somente em especulação sem sentido quando diz respeito a questões e pronunciamentos sobre o que reside no outro lado da barreira.⁵

Tomada sozinha, essa citação poderia facilmente ter procedido da pena de Immanuel Kant. Somente aquilo que existe abaixo da Barreira pode estar sujeito à investigação humana. A Barreira marca os limites do que os humanos podem conhecer.

A menos que seja qualificada, a teoria dos Dooyeweerdianos da Barreira equivale a afirmar que é impossível para qualquer ser humano pensar significativamente sobre Deus. Sem dúvida, Kalsbeek adiciona que podemos pensar significativamente sobre Deus conquanto “percebamos que deveríamos nos limitar ao que Deus revelou sobre ele aos homens”.⁶ Mas o problema que os Dooyeweerdianos levantam para si mesmos é se eles fizeram ou não uma distinção tão grande entre a mente humana e a divina, que qualquer revelação da verdade se torna impossível. Como veremos mais tarde, vários pensadores do Instituto para Estudos Cristãos aparentemente abraçam essa posição.

A rejeição dos Dooyeweerdianos da doutrina do Logos é tornada clara num recente ensaio de Al Wolters, professor do Instituto para Estudos Cristãos.⁷ Wolters prontamente reconhece o comprometimento de calvinistas holandeses antigos, como Abraham Kuyper e Herman Bavinck, à doutrina do Logos. Na epistemologia deles, a capacidade de conhecer era claramente dependente da relação do Logos entre a mente divina e a mente humana. Wolters é ofendido por esse comprometimento antigo à doutrina do Logos, e se regozija no fato que a Filosofia Amsterdã de Dooyeweerd rejeita a mesma.

Para Wolters, a racionalidade está totalmente abaixo da Barreira. A lógica, os princípios de inferência válida, não se aplicam além da Barreira; do que se segue que não existe nenhuma continuidade entre o Criador e a criatura. Nas palavras de Wolters: “Não existe nenhuma ordem racional que abranja Criador e criação – não porque o Criador seja irracional, mas porque a racionalidade é criatura”.⁸ O comentário de Wolters levanta duas perguntas: a sua posição não é uma clara negação da imagem de Deus nos humanos? E como alguém sustentando a posição de Wolters pode ser confiante que Deus não é irracional? A declaração que Deus não é irracional objetiva ser um pouco de conhecimento sobre Deus. Mas a doutrina de Wolters da Barreira

⁵ L. Kalsbeek, *Contours of a Christian Philosophy*, pp. 74-75.

⁶ *Ibid.*, p.75.

⁷ O ensino de Wolters, ainda não publicado, com o título “Dutch Neocalvinism: Worldview, Philosophy and Rationality”, foi entregue em Agosto de 1981, numa conferência em Toronto sobre “Racionalidade na Tradição Calvinista”.

⁸ *Ibid.*, Wolters, p. 12.

exclui qualquer conhecimento do tipo que ele tem em mente quando busca assegurar seu leitor que Deus não é irracional.

A visão dos Dooyeweerdianos, então, é que não existe nenhuma continuidade racional entre Deus e a humanidade. O motivo de desejar preservar a soberania e a transcendência de Deus é louvável, mas a doutrina carrega um preço muito alto. Ela defende a transcendência divina fazendo Deus totalmente incognoscível. Qualquer cristão que creia na transcendência de Deus terá chegado a essa conclusão como um resultado de algum raciocínio. O seguinte argumento representa uma rota pela qual muitos cristãos chegam a essa conclusão:

Se a Bíblia declara que Deus é transcendente, então Deus é transcendente.

A Bíblia diz que Deus é transcendente.

Portanto, Deus é transcendente.

Mas de acordo com Wolters e outros Dooyeweerdianos, o raciocínio humano pode ser válido somente sobre o lado criatural da Barreira. Nenhum raciocínio humano pode nos trazer um conhecimento do que é verdadeiro além da Barreira. Se a razão humana é válida somente nesse lado da Barreira, então qualquer inferência que Deus é transcendente deve ser uma aplicação ilegítima da razão humana. O que Alvin Plantinga escreveu em conexão com outro tipo de agnosticismo teológico aplica-se muito bem à Filosofia de Amsterdã; esse tipo de pensamento sobre Deus

começa com uma preocupação piedosa e louvável pela grandeza, majestade e magnificência de Deus; mas termina em agnosticismo e incoerência. Pois se nenhum dos nossos conceitos se aplica a Deus [ou se nenhuma das nossas inferências se estende a Deus], então não existe nada que possamos conhecer ou verdadeiramente crer sobre ele – nem mesmo o que é afirmado nos credos ou revelado nas Escrituras. E se não há nada que podemos conhecer ou verdadeiramente crer sobre ele, então, sem dúvida, não podemos conhecer ou verdadeiramente crer que nenhum dos nossos conceitos se aplica a ele. A visão... está fatalmente emaranhada em absurdo auto-referencial.⁹

Direi mais sobre a visão das Escrituras que os Dooyeweerdianos de Toronto têm no capítulo 12.

Fonte: *The Word of God and The Mind of Man*, Ronald Nash, p. 96-99.

⁹ Alvin Plantinga, *Does God Have A Nature?* (Milwaukee: Marquette University Press, 1980), p. 26.